



EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO SETOR TÊXTIL NA INDÚSTRIA BRASILEIRA EM TERMOS DE GERAÇÃO DE RENDA, EMPREGO E IMPOSTOS NO SÉCULO XXI

Kethylin Farias dos Santos (IC) e Pedro Raffy Vartanian (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar o setor têxtil por meio da seguinte pergunta norteadora: como evoluiu a participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de renda, emprego e impostos no século XXI? Com vistas a encontrar uma resposta consistente, foram combinados os métodos qualitativo e quantitativo por meio do delineamento sequencial exploratório, ou seja, primeiro foram coletados dados qualitativos para fundamentar a pesquisa e, em seguida, dados quantitativos para aprofundar a análise do fenômeno estudado. A pesquisa está dividida em 2 seções principais e subsequentes: o Desenvolvimento do Argumento e as Considerações Finais. O Desenvolvimento do Argumento busca apresentar um panorama completo do setor têxtil, sendo assim, avalia a constituição da indústria têxtil brasileira, explica o surgimento e a evolução histórica do setor antes do século XXI, os seus atuais desafios, como se insere no mercado externo e a evolução da participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de renda, emprego e impostos. Já a seção de Considerações Finais avalia a evolução da participação do setor têxtil na indústria como um todo, de forma a finalizar a análise com os argumentos já expostos na seção anterior. Por fim, foi constatado que o setor têxtil perdeu participação na indústria em termos de geração de emprego, renda e impostos no século XXI, seja por fatores externos ou internos ao mercado nacional.

Palavras-chave: Renda. Emprego. Impostos.

ABSTRACT

This research aims to analyze the textile sector through the guiding question: how has the textile sector's participation in the manufacturing industry evolved in terms of income generation, employment, and taxes in the 21st century? To find a consistent answer, both qualitative and quantitative methods were combined through an exploratory sequential design. First, qualitative data were collected to support the research, and then quantitative data were gathered to deepen the analysis of the studied phenomenon. The research is divided into 2 main and subsequent sections: the Development of the Argument and the Final Considerations. The Development of the Argument seeks to present a comprehensive overview of the textile sector; thus, it assesses the structure of the Brazilian textile industry,



explains the emergence and historical evolution of the sector before the 21st century, its current challenges, its integration into the external market, and the evolution of the textile sector's participation in the industry in terms of income generation, employment, and taxes. The Final Considerations section evaluates the overall evolution of the textile sector's participation in the industry, concluding the analysis with the arguments presented in the previous section. Ultimately, it was found that the textile sector has lost participation in the industry in terms of employment, income, and taxes in the 21st century, whether due to external or internal factors within the national market.

Keywords: Income. Employment. Taxes.



1. INTRODUÇÃO

Em 2020 o setor têxtil foi responsável pela geração de mais de 1 milhão de postos de trabalho formais, ainda assim, de acordo com Gamboa, Maciel, Vendruscolo e Silva (2020), constata-se o aumento do nível de informalidade à jusante da cadeia de produção têxtil, o que sinaliza a capacidade do setor de gerar ainda mais emprego, renda e até impostos.

Diante deste contexto, este projeto parte da hipótese de que o setor têxtil se figura entre as indústrias que mais geram renda, impostos e empregos, mas com potencial de contribuir ainda mais, o que será analisado com base na seguinte pergunta: como evoluiu a participação do setor têxtil na indústria brasileira em termos de geração de emprego, renda e impostos no século XXI? Desta forma, pretende-se contribuir no entendimento da importância do setor entre 2001 e 2021.

Ademais, este projeto justifica-se por compilar dados estatísticos e reunir uma bibliografia relevante sobre o setor têxtil, ou seja, possuirá um caráter quantitativo ao analisar informações numéricas por meio de bancos de dados e pesquisas disponíveis, como a Relação Anual de Informação Social (RAIS) e a Pesquisa Industrial Anual (PIA), mas também um caráter qualitativo por se embasar em um levantamento bibliográfico que fundamente as análises e conclusões derivadas dos dados numéricos.

Sendo assim, primeiramente será analisada a constituição da cadeia de produção têxtil, sua história e atuais desafios no mercado interno e externo. Em seguida, será analisada a participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de emprego, renda e impostos no século XXI. Desta forma, espera-se avaliar integralmente a evolução do setor têxtil brasileiro.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Esta seção visa apresentar um panorama histórico, recente e internacional da indústria têxtil, além da própria evolução do setor. Mas, antes disso, com o intuito de situar o leitor acerca de quais são os elos da cadeia de produção têxtil e como estão interligados, será apresentado como a indústria têxtil brasileira é constituída.

2.1. CONSTITUIÇÃO DA CADEIA DE PRODUÇÃO TÊXTIL

A partir de dados da Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE)¹, a indústria têxtil pode ser compreendida por 3 ramificações dentro da indústria de

¹ Para maiores detalhes, ver em:

<<https://cnae.ibge.gov.br/?view=secao&tipo=cnae&versao=7&secao=C>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

transformação: a própria fabricação de produtos têxteis, a confecção de artigos de vestuários e acessórios e a preparação de couros e fabricação de artefatos de couros, artigos para viagem e calçados (Figura 1).

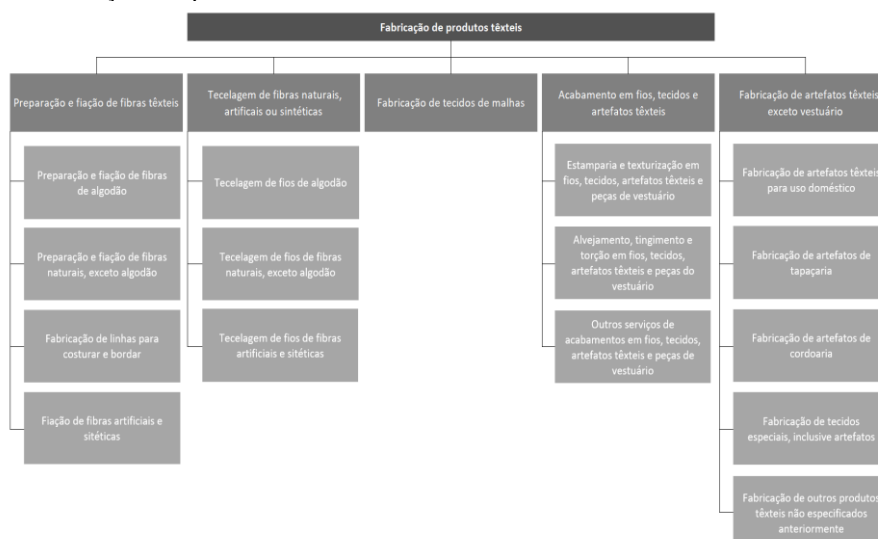
Figura 1 - Segmentos da indústria têxtil



Fonte: Elaborado própria a partir de dados da CNAE (2023)

A fabricação de produtos têxteis se inicia com a preparação e fiação das fibras, passando pela tecelagem de fibras naturais, artificiais e sintéticas, fabricação de tecidos de malha e artefatos têxteis que não sejam vestuário e acabamento nos fios, tecidos e artefatos têxteis. Vale ressaltar que os artefatos têxteis compreendem vestuário, itens de tapeçaria, cordoaria, artefatos têxteis para uso domésticos, entre outros. Na imagem abaixo (Figura 2) é possível visualizar os elos da fabricação de produtos têxteis com mais detalhes.

Figura 2 - Elos da fabricação de produtos têxteis

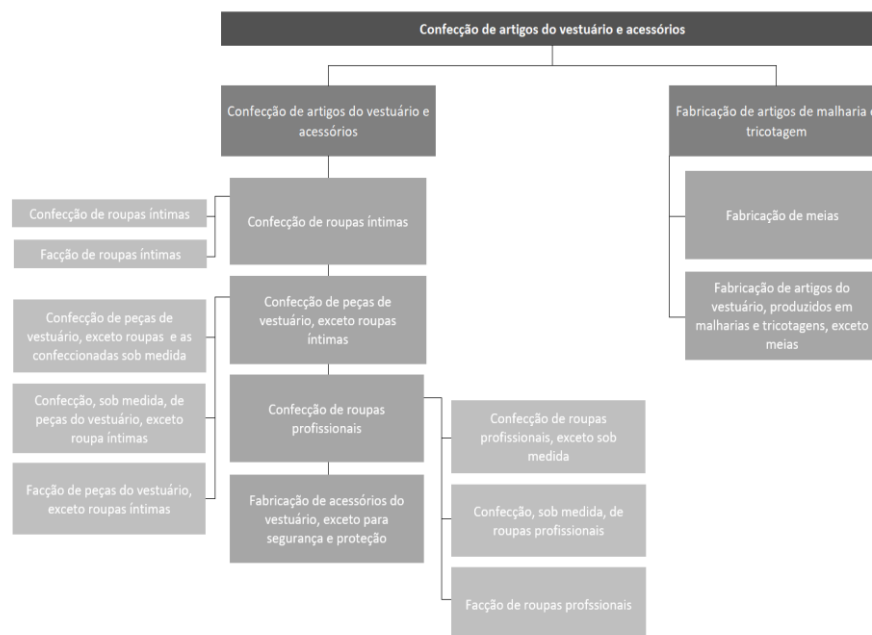


Fonte: Elaborado própria a partir de dados da CNAE (2023)

A confecção de artigos de vestuário e acessórios se divide em confecção de vestuário e acessórios e fabricação de artigos de malharia e tricotagem. Assim sendo, a confecção de vestuário e acessórios compreende a confecção de vestuário, roupas íntimas e roupas profissionais e fabricação de acessórios para vestuário (com exceção dos acessórios para proteção e segurança). Já a fabricação de artigos de malharia e tricotagem se divide em fabricação de meias e fabricação de vestuário. Na imagem abaixo (Figura 3) é possível visualizar os elos da confecção de artigos de vestuário e acessórios com mais detalhes.



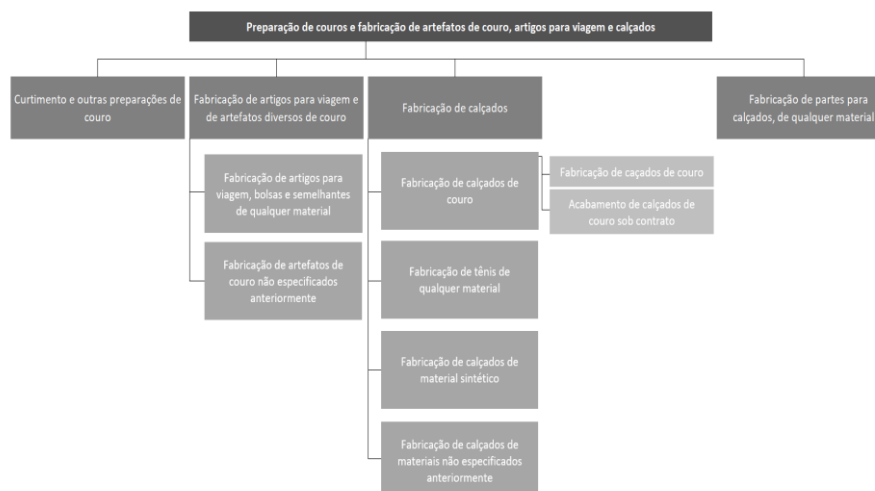
Figura 3 - Elos da confecção de artigos do vestuário e acessórios



Fonte: Elaborado própria a partir de dados da CNAE (2023)

Já a preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados compreende o curtimento e outras preparações de couro, fabricação de artefatos diversos de couro (como bolsas e artigos para viagem de qualquer material), fabricação e acabamento de calçados e a fabricação de partes para calçados, também de qualquer material. Na imagem abaixo (Figura 4) é possível visualizar os elos que constituem a preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados com mais detalhes.

Figura 4 - Elos da preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da CNAE (2023)



Apresentados os segmentos que compõem a indústria têxtil, a próxima subseção tem como objetivo analisar o surgimento da produção têxtil no Brasil e sua evolução histórica antes até o século XX, de forma a embasar historicamente análise da participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de empregos, renda e impostos no século XXI.

2.2. SURGIMENTO E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA PARTICIPAÇÃO DO SETOR TÊXTIL NA INDÚSTRIA EM TERMOS DE GERAÇÃO DE EMPREGOS, RENDA E IMPOSTOS ATÉ O SÉCULO XX

No Brasil, a produção têxtil começou a se desenvolver no século XIX, quando se instalaram polos de produção no Nordeste. Nesse primeiro momento, essa região apresentou elementos importantes que a favoreceu, um exemplo foi a concentração de mão de obra barata, no caso a população afrodescendente escravizada (FUJITA, JORENTE, 2015).

Posteriormente, a produção têxtil se estabeleceu ainda de maneira artesanal em Minas Gerais e em moldes mais modernos nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Um processo incentivado, principalmente, pelo acúmulo de excedente proveniente da exportação de café e, por consequência, pelo aumento de renda e demanda na região (NICOL, 1997).

Vale ressaltar que outros fatores também incentivaram a transferência dos polos de produção têxtil do Nordeste para o Sudeste do país, entre eles a construção de uma estrada de ferro interligando São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (FUJITA, JORENTE, 2015), além da própria densidade populacional do Brasil no início do século XIX, pois nesse período o país apresentava uma densidade populacional de 7,8 habitantes por quilômetro quadrado, isso mesmo levando em consideração que somente 5% do território estivesse ocupado. Sendo assim, o Estado de Minas Gerais concentrava sozinho 15% da população de todo o Brasil (NICOL, 1997).

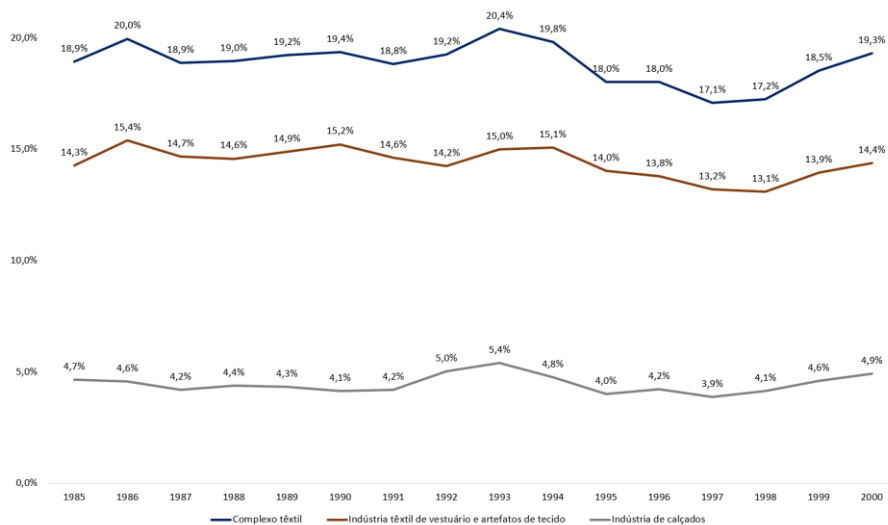
Ainda na primeira metade do século XIX, 2/3 da receita do Estado provinha de impostos sobre importação e exportação, o que acabou por transformar a política fiscal do período em um importante mecanismo de transferência do excedente gerado pela exportação de café para outros setores produtivos (ALBUQUERQUE, NICOL, 1987). Ademais, essa mesma política também se constituiu em uma barreira alfandegária que encareceu os produtos importados e favoreceu a produção nacional, reforçando o Processo de Substituição de Importações (PSI) e, conseqüentemente, encarecendo os produtos têxteis no mercado interno.

Portanto, diante do contexto de industrialização do Brasil no século XIX, o setor têxtil teve a geração de emprego restringida pela persistência do uso da mão de obra afrodescendente escravizada, o que também limitou os mecanismos de transferência de

renda através dos salários. Além do mais, a produção têxtil nacional não contribuía significativamente com a geração de impostos, mas era incentivada pela política fiscal vigente por meio de barreiras alfandegárias e transferência do excedente agrícola.

Da segunda metade do século XX em diante é possível analisar a quantidade de vínculos empregatícios ativos da indústria por meio da RAIS. De acordo com a base de dados, entre 1985 e 2000 a participação da indústria têxtil de vestuário e artefatos de tecidos na indústria de transformação em termos de geração de empregos se manteve na média de 14,4% ao ano, enquanto a participação do setor de calçados, o qual também faz parte do complexo do têxtil, se manteve na média de 4,5% ao ano. Juntos, tais setores eram responsáveis por, em média, 18,9% da geração de emprego da indústria de transformação. O gráfico abaixo (Gráfico 1) mostra a evolução da participação setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de empregos durante esse período.

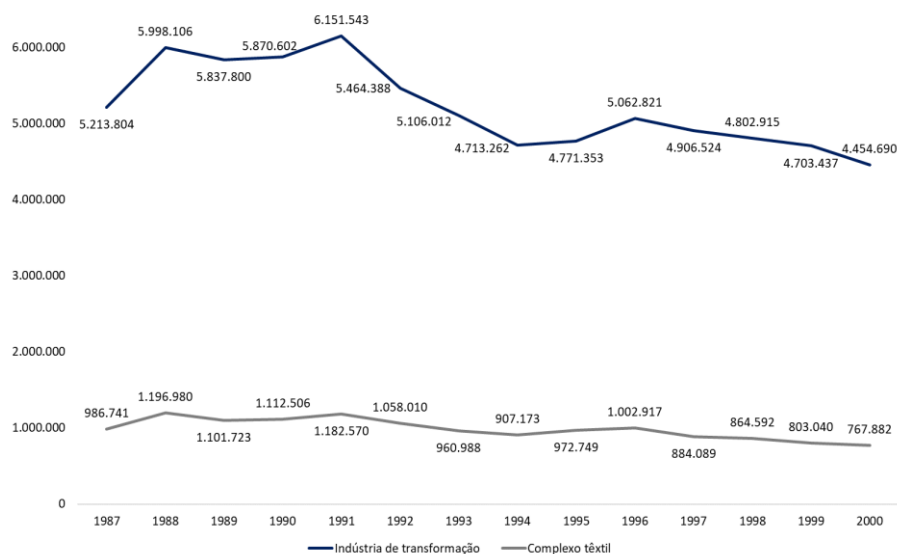
Gráfico 1 - Participação da indústria têxtil, de calçados e do complexo têxtil na indústria de transformação em quantidade de vínculos empregatícios ativos entre 1985 e 2000



FONTE: Elaborado com dados da RAIS

Contudo, vale ressaltar que o aumento de 18,9% para 19,3% da participação do complexo têxtil na indústria da transformação entre 1985 e 2000 se deu não pelo crescimento na quantidade de vínculos empregatícios ativos, mas sim pela menor queda deste indicador, pois a geração de emprego do complexo têxtil caiu 4,5% entre 1985 e 2000 e já a geração de emprego por parte da indústria de transformação diminuiu 6,3% no mesmo período. No gráfico abaixo (Gráfico 2) é possível visualizar a evolução da geração de emprego pela indústria têxtil entre 1985 e 2000.

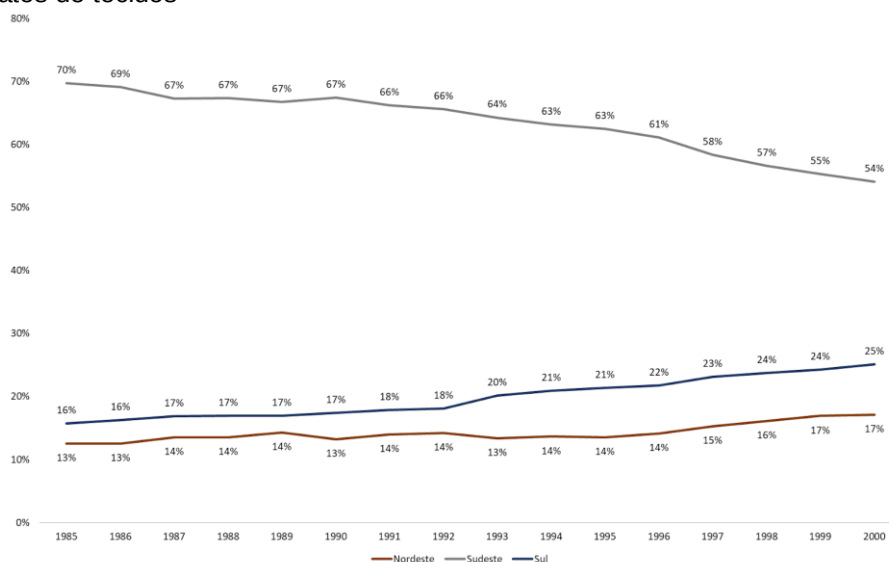
Gráfico 2 - Quantidade de vínculos empregatícios ativos da indústria de transformação e do complexo têxtil entre 1985 e 2000



FONTE: Elaborado com dados da RAIS.

Ademais, nota-se que entre 1985 e 2000 a quantidade de vínculos ativos por parte da indústria têxtil de vestuário e artefatos de tecidos ficou menos concentrada no Sudeste, pois aumentou gradativamente nas regiões Nordeste e Sul, o que é possível visualizar no gráfico abaixo (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Participação das regiões Nordeste, Sudeste e Sul na geração de emprego da indústria de vestuário e artefatos de tecidos

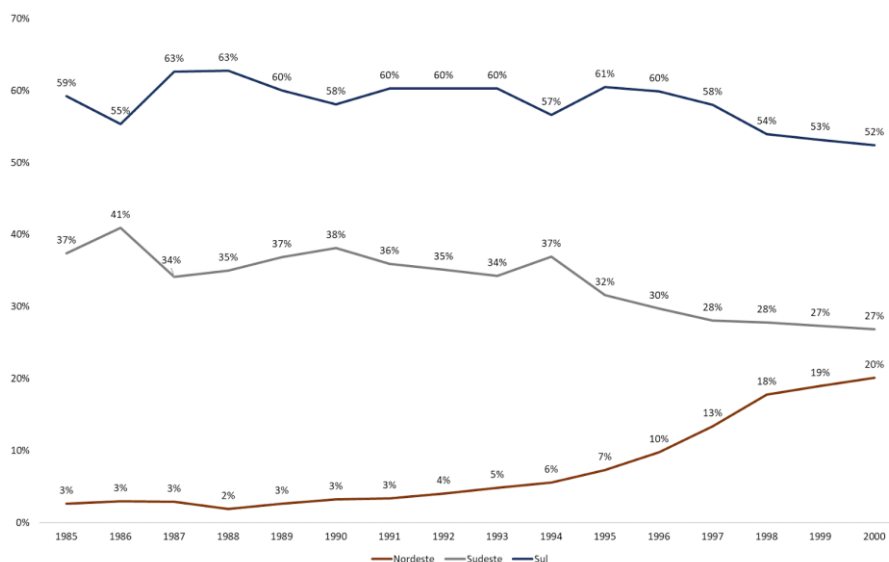


FONTE: Elaborado com dados da RAIS.

Já na indústria de calçados, a geração de emprego ficou menos concentrada no Sul e Sudeste, aumentando significativamente no Nordeste. Logo, nota-se que ao longo do século XX a produção têxtil se manteve concentrada no Sudeste, contudo a concentração diminuiu pelo aumento de produção no Sul e principalmente no Nordeste no caso da indústria de calçados.

No Gráfico 4 é possível visualizar a evolução da participação das regiões Nordeste, Sudeste e Sul na geração de empregos da indústria de calçados entre 1985 e 2000.

Gráfico 4 - Participação das regiões Nordeste, Sudeste e Sul na geração de emprego da indústria de calçados



FONTE: Elaborado com dados da RAIS.

Ainda no século XX se instaurou uma política fiscal de diminuição das taxas de importação, uma política pautada na abertura da economia ao mercado externo, a qual foi na contramão do protecionismo vigente até então. Como resultado, a liberalização levou a um choque de oferta por permitir entrada de produtos asiáticos a preços mais competitivos (FUJITA, JORENTE, 2015).

Vale ressaltar que uma das críticas apontadas por Krugman e Obstfeld (2010) ao PSI pode ser aplicada ao modelo brasileiro, já que antes da abertura econômica a indústria têxtil nacional se manteve tecnologicamente e competitivamente atrasada em comparação ao mercado internacional, o que explica o choque estrutural que o setor sofreu com abertura econômica.

Ademais, o PSI se deu por empresas capital intensivas, as quais não absorviam toda mão de obra, assim sendo, acabou por favorecer um modelo oligopolizado de mercado, contribuindo para manutenção de altas taxas de lucratividade através do repasse quase integral dos aumentos de custos aos preços (GREMAUD, VASCONCELLOS, TONETO JÚNIOR, 2017).

Por outro lado, a partir da década de 90 o Brasil apresentou maior controle do processo inflacionário devido ao Plano Real, o que facilitou a realização de investimento pelas maiores empresas (em detrimento das demais), tornando-as mais competitivas diante da concorrência estrangeira (FUJITA, JORENTE, 2015). Inclusive, ainda hoje verifica-se a concentração de

grandes fábricas a jusante da cadeia de produção têxtil (GAMBOA, MACIEL, VENDRUSCOLO, SILVA, 2020).

Ainda assim, investimentos que objetivam ganhos de eficiência levam tempo até se concretizarem, seja por meio do aumento da planta produtiva ou da aquisição de maquinário mais moderno. Resumidamente, há um *gap* entre investimento e retorno que, neste período, foi acompanhado pela falência das fábricas que não tinham condições de investir.

Por outro lado, o Plano Real também promoveu o aumento do poder de compra da população, principalmente das classes de baixa renda, permitindo a expansão do mercado consumidor de produtos têxteis (FUJITA, JORENTE, 2015).

Portanto, o mercado nacional já era concentrado devido ao PSI e se tornou ainda mais com a abertura econômica, pois somente as empresas com maior capacidade de investimento possuíam condições sobreviver a concorrência asiática. Diante deste cenário, a competitividade limitou a possibilidade de repasse dos aumentos dos custos quase integralmente aos preços, ou seja, as empresas precisavam investir para se tornarem mais competitivas e ainda não poderiam aumentar os preços da mesma forma que antes, o que explica a queda de vínculos empregatícios ativos na indústria de transformação após o Plano Real, o que, conseqüentemente, limitou a geração de renda e impostos. Ainda assim, o Estado e a sociedade como um todo passaram a usufruir da maior estabilidade de preços.

Apresentado o panorama histórico, a próxima subseção tem como objetivo avaliar os atuais desafios do setor têxtil.

2.3. PANORAMA RECENTE DO SETOR TÊXTIL

Segundo dados divulgados em 2023 pela Associação Brasileira de Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT)², o Brasil é o 5º maior produtor mundial de denim e 4º maior produtor mundial de malhas, possuindo toda cadeia produtiva presente no país. A título de exemplo, a indústria têxtil foi responsável pela geração de mais de 1 milhão de empregos formais em 2023.

Por mais que a geração de empregos pela indústria têxtil seja expressiva, Rangel, da Silva e Costa (2010) defendem que a desestruturação da cadeia de produção, o uso de tecnologia já defasada e as próprias decisões internas das empresas diminuem a eficiência do setor.

² Para maiores detalhes, ver em: <<https://sheingroup.com/our-business/our-business-model/>>. Acesso em: 23 nov. 2023



A desestruturação do setor se dá pela independência de cada elo da cadeia produtiva, dessa forma, as tecelagens passam a importar os fios caso estejam mais baratos no mercado internacional, ou seja, não dependem do elo de fiação do mercado interno. De forma semelhante, os setores de confecção e varejo não dependem das tecelagens nacionais, pois também podem importar o produto final (RANGEL, DA SILVA, COSTA, 2010).

Já o uso de tecnologia defasada é uma característica das empresas menores, as quais apresentam reduzida capacidade de investimento. O elo de confecções, por exemplo, é intensivo em mão de obra menos qualificada e possui poucas barreiras à entrada, pois comparado a outros setores, o investimento necessário para adquirir máquinas de costura torna-se relativamente baixo, o que contribui para a manutenção dos baixos níveis de concentração desse mercado (RANGEL, DA SILVA, COSTA, 2010).

Por outro lado, a pulverização do setor de confecções também se deve à demanda, pois ela muda conforme gênero, faixa etária e classe social do consumidor final. Sendo assim, a existência de diversas confecções torna-se necessária para atender os diferentes públicos do mercado (RANGEL, DA SILVA, COSTA, 2010).

Além do mais, o regime tributário brasileiro acaba por se tornar um entrave ao setor têxtil, pois preços menores são um importante diferencial competitivo nas etapas finais de produção e, de acordo com Costa, Pinheiro, Abrantes e Souza (2007), os preços finais do setor têxtil podem aumentar até 40% devido à incidência de impostos.

Diante deste cenário, há confecções que optam por operar na informalidade como forma de diminuir os custos de produção, ou seja, aumentam sua competitividade não por investimentos em ganhos de escala, mas pelos baixos custos por conta da informalização. Em contrapartida, algumas confecções se tornam mais competitivas pela diferenciação do produto, já que dessa forma conseguem vendê-los a preços mais elevados ao público de maior poder aquisitivo (RANGEL, DA SILVA, COSTA, 2010).

Vale ressaltar que o desempenho do setor está fortemente relacionado com os indicadores macroeconômicos, isso porque maiores níveis de desocupação e inflação tendem a conter o poder aquisitivo e, conseqüentemente, a demanda por parte dos consumidores, enquanto elevadas taxas de juros encarecem o crédito, o que não somente contrai a demanda, como também desestimula ainda mais a realização de investimentos produtivos, ou seja, impacta tanto a demanda quanto a oferta (TOMÉ, 2021).

Logo, o a cadeia de produção têxtil como um todo é importante economicamente pela geração de empregos. As fases finais de produção, por mais que não sejam capitais intensivas, acabam por absorver mão de obra menos qualificada. No entanto, a alta carga

tributária, a desestruturação da cadeia de produção e a instabilidade macroeconômica estimulam a informalização e impedem que o setor têxtil gere ainda mais empregos formais, renda e impostos.

A próxima subseção visa complementar o desenvolvimento do argumento com a avaliação das relações de comércio da indústria têxtil brasileira no mercado externo.

2.4. **PANORAMA INTERNACIONAL: A INSERÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA NO MERCADO EXTERNO**

Pereira e Ferreira (2020) ao analisarem a competitividade da indústria têxtil brasileira entre 1997 e 2017 levaram em consideração, primeiramente, que o mercado interno enfrenta altos gastos em energia, gargalos na infraestrutura e elevado Custo Brasil, elementos que aumentam os custos de produção e diminuem a competitividade do Brasil diante da concorrência internacional. Cenário que ainda pode ser agravado em períodos de valorização do real.

Além do mais, Pereira e Ferreira (2020) sustentam que o protecionismo praticado pelos países desenvolvidos limita as exportações brasileiras de produtos com maior valor agregado, enquanto o protecionismo por parte do Brasil dificulta a própria inserção no mercado internacional.

Nesse cenário, há o fortalecimento do comércio interindustrial, em que o Brasil exporta os produtos intensivos em trabalho e recursos naturais e importa produtos intensivos em capital (PEREIRA, FERREIRA, 2020).

A partir de dados numéricos, Pereira e Ferreira (2020) calcularam o indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), o qual demonstrou que a demanda por produtos têxteis pelo mercado internacional aumentou entre 1997 e 2016, mas ainda assim caiu a participação do Brasil nas exportações mundiais desse segmento, ou seja, diminuiu sua participação no mercado, enquanto as exportações de produtos têxteis por parte da China e do mercado internacional como um todo desempenharam melhor (PEREIRA, FERREIRA, 2020).

Já o Índice do Comércio Intraindústria Agregado (ICCA) revelou que o Brasil possui relação de comércio intraindustrial com o mundo no segmento têxtil, ou seja, importa e exporta produtos semelhantes. Contudo, o comércio com a China é interindustrial, com o agravante do Brasil importar produtos têxteis a um nível muito maior do que exporta à China (PEREIRA, FERREIRA, 2020).

Por fim, por meio do modelo Constant Market Share (CMS), Pereira e Ferreira (2020) constataram que diminuiu a competitividade das exportações brasileiras do setor têxtil entre 1997 e 2013, o que nos primeiros anos pode ser justificado pelos efeitos da abertura econômica em 1990 e, posteriormente, pelo aumento dos custos de produção e valorização cambial do real. Já entre 2014 e 2016 verificou-se o aumento da competitividade das exportações brasileiras no segmento têxtil, principalmente pela diminuição do comércio com a China neste setor, fortalecendo relações de comércio intraindustriais com outros países, como por exemplo a Argentina.

Não obstante, ao analisarem as exportações brasileiras entre 1994 e 2006, Rangel, da Silva e Costa (2010) constataram que as exportações de fibras naturais cresceram aproximadamente 40% ao ano, enquanto as exportações de vestuário não chegaram a crescer 2% ao ano. Durante esse mesmo período as exportações de produtos têxteis por parte da China cresceram mais de 12% ao ano e as exportações mundiais mais de 5% ao ano.

Vale ressaltar que entre 1994 e 2006 as importações de fibras naturais caíram cerca de 17% ao ano, já as importações de tecidos cresceram por volta de 18% ao ano (RANGEL, DA SILVA, COSTA, 2010).

De forma complementar, ao aplicarem o VCR na cadeia de produção têxtil brasileira, Rangel, da Silva e Costa (2010) concluíram que entre 1998 e 2005 o elo de confecções perdeu 67% de competitividade no mercado internacional e, no mesmo período, o de fibras naturais ganhou 125,8% de competitividade.

Já a produção de fibras sintéticas é um elo com grande concentração de mercado e baixa competitividade internacional, nesse segmento, a produção interna comporta apenas 54% da demanda (RANGEL, DA SILVA, COSTA, 2010).

Portanto, nota-se que além de perder participação no comércio têxtil internacional, o Brasil tem fortalecido relações de comércio interindustrial ao importar produtos de maior valor adicionado e exportar os de menor valor adicionado, em outras palavras, a indústria têxtil brasileira tem perdido competitividade internacionalmente.

Apresentado a constituição da cadeia de produção, evolução histórica, o panorama recente e o panorama internacional da indústria têxtil, a próxima subseção visa analisar objetivamente a participação do setor na indústria em termo de geração de empregos, renda e impostos no século XXI.

2.5. PARTICIPAÇÃO DO SETOR TÊXTIL NA INDÚSTRIA BRASILEIRA EM TERMOS DE GERAÇÃO DE EMPREGO, RENDA E IMPOSTOS NO SÉCULO XXI

Nesta subseção serão analisados separadamente os dados de geração de emprego, renda e impostos por parte do setor têxtil.

2.5.1. PARTICIPAÇÃO DO SETOR TÊXTIL NA INDÚSTRIA BRASILEIRA EM TERMOS DE GERAÇÃO DE RENDA NO SÉCULO XXI

O gasto total com pessoal por parte das indústrias é um indicador disponibilizado pela PIA anualmente, o qual pode ser desagregado em: “Salários, retiradas e outras remunerações”; “Benefícios concedidos aos empregados” e “Gastos com previdência, FGTS [Fundo de Garantia por Tempo de Serviço] e indenizações”. Ademais, os “Salários, retiradas e outras remunerações” é resultado da soma de outros 3 indicadores: “Salários do pessoal ligado a produção”; “Salários do pessoal não ligado a produção” e “Remuneração dos proprietários e sócios”, o que é possível visualizar na figura abaixo (Figura 5).

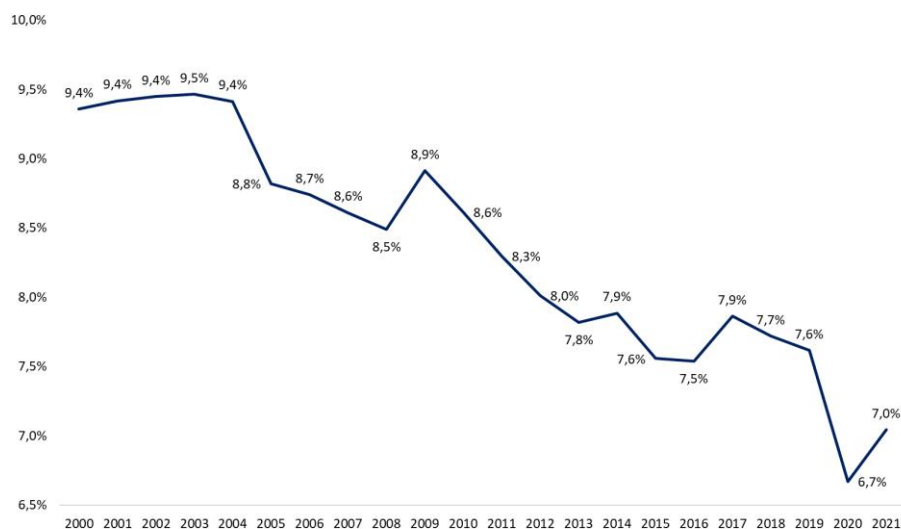
Figura 5 - Composição do indicador de gastos totais com pessoal



FONTE: Elaborado com dados da PIA

A participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de gastos totais com pessoal, ou seja, geração de renda direta, caiu de 9,4% em 2000 para 7,0% em 2021, o que se deve ao fato dos gastos totais com pessoal da indústria têxtil ter aumentado, mas ainda precisaria aumentar 1,49 vezes a mais para alcançar a indústria de transformação como um todo. O gráfico a seguir (Gráfico 5) contém a evolução da participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de renda direta nos primeiros anos do século XXI.

Gráfico 5 - Participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de gastos totais com pessoal entre 2000 e 2021.



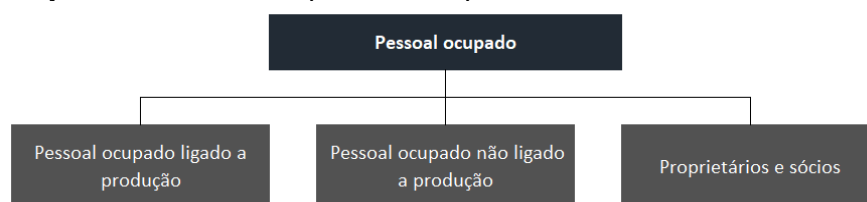
FONTE: Elaborado com dados da PIA

Apresentada a evolução da participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de renda, a próxima subsubseção visa avaliar a evolução na participação em termos de geração de emprego.

2.5.2. PARTICIPAÇÃO DO SETOR TÊXTIL NA INDÚSTRIA BRASILEIRA EM TERMOS DE GERAÇÃO DE EMPREGO NO SÉCULO XXI

A geração de emprego por parte do setor têxtil é disponibilizada pela PIA anualmente por meio do indicador “Pessoal Ocupado”. Tal indicador é composto por “Pessoal ocupado ligado a produção”, “Pessoal ocupado não ligado a produção” e “Proprietários e sócios”, assim como mostra a figura abaixo (Figura 6).

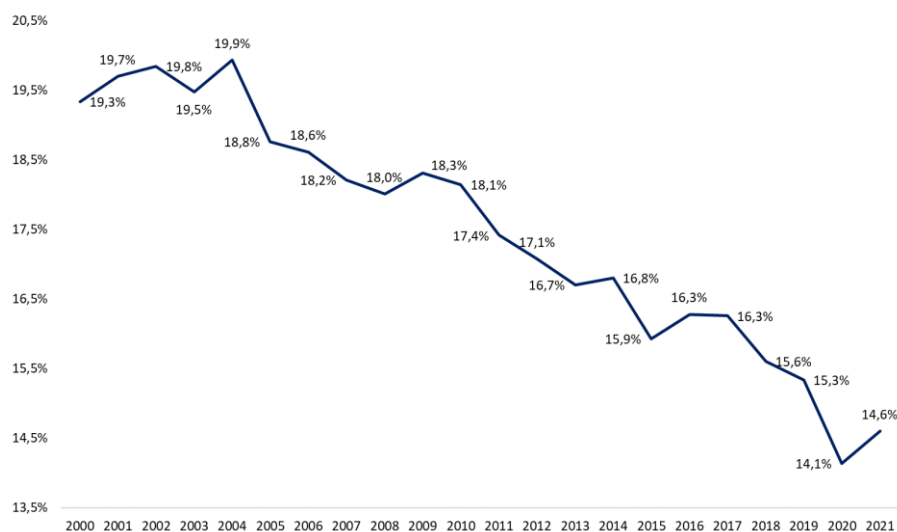
Figura 6 - Composição do indicador de pessoal ocupado



FONTE: Elaborado com dados da PIA

A participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de emprego também diminuiu entre 2000 e 2021, saindo de 19,3% para 14,6%. Nota-se que, ao final desse período, o pessoal ocupado na indústria têxtil aumentou 8,5%, enquanto o pessoal ocupado em toda indústria de transformação aumentou 43,7%. No gráfico abaixo (Gráfico 6), é possível visualizar a evolução da participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de emprego nos primeiros anos do século XXI.

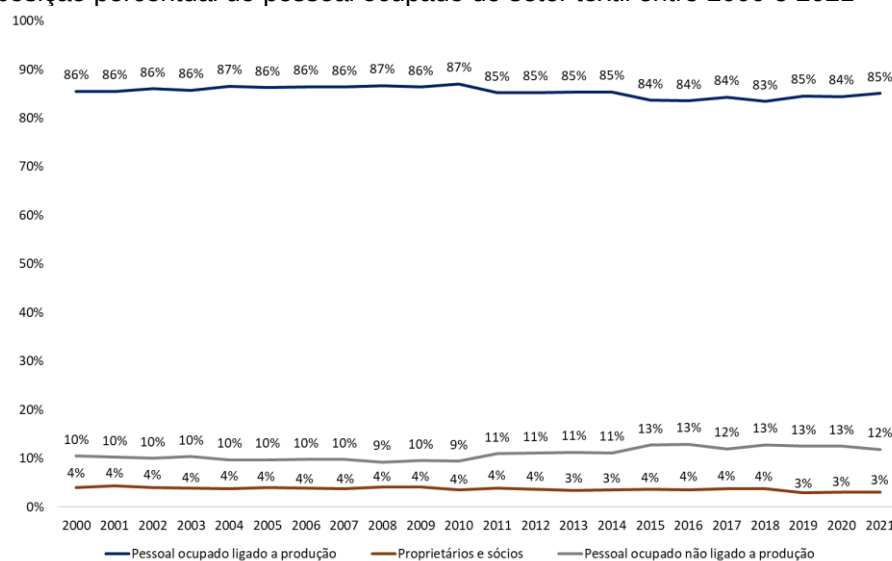
Gráfico 6 - Participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de pessoal ocupado entre 2000 e 2021



FONTE: Elaborado com dados da PIA

Vale ressaltar que a proporção de pessoal ocupado ligado a produção, pessoal ocupado não ligado a produção e proprietários e sócios do setor têxtil se manteve estável entre 2000 e 2021, o que é possível visualizar no gráfico a seguir (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Composição percentual do pessoal ocupado do setor têxtil entre 2000 e 2021



FONTE: Elaborado com dados da PIA

A próxima subsubseção tem como objetivo avaliar a evolução da participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de impostos nos primeiros anos do século XXI.

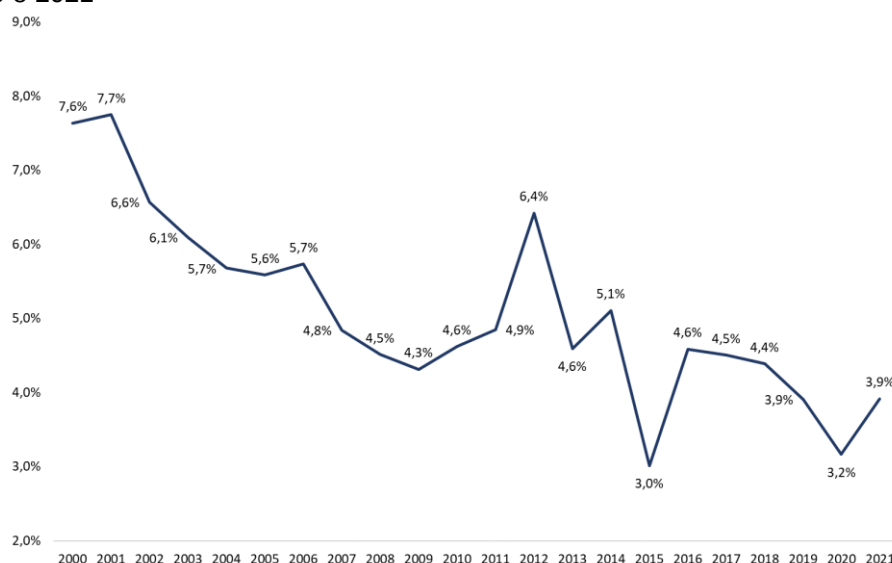
2.5.3. PARTICIPAÇÃO DO SETOR TÊXTEL NA INDÚSTRIA BRASILEIRA EM TERMOS DE GERAÇÃO DE IMPOSTOS NO SÉCULO XXI

A geração de impostos por parte da indústria é medida anualmente pela PIA e divulgada como “Impostos e Taxas”.



A participação do setor têxtil na indústria de transformação brasileira em termos de geração de impostos caiu de 7,6% em 2000 para 3,9% em 2021. Portanto, a geração de impostos por parte dos outros setores da indústria de transformação aumentou em maior proporção do que a geração de impostos por parte da indústria têxtil, assim como a geração de emprego e renda. No gráfico abaixo (Gráfico 8), é possível visualizar a evolução da participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de impostos nos primeiros anos do século XXI.

Gráfico 8 - Participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração impostos e taxas entre 2000 e 2021



FONTE: Elaborado com dados da PIA

Vale ressaltar que entre os anos 2000 e 2021 a geração de impostos pelo setor têxtil passou de R\$ 217.011 mil a R\$ 1.061.135 mil, mas ainda assim a geração de impostos por toda indústria de transformação aumentou em uma proporção 2,4 vezes maior.

A próxima seção visa finalizar o projeto ao avaliar conjuntamente a participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de renda, emprego e impostos no século XXI.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os anos 2000 e 2021 constatou-se a redução da participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de emprego, renda e impostos.

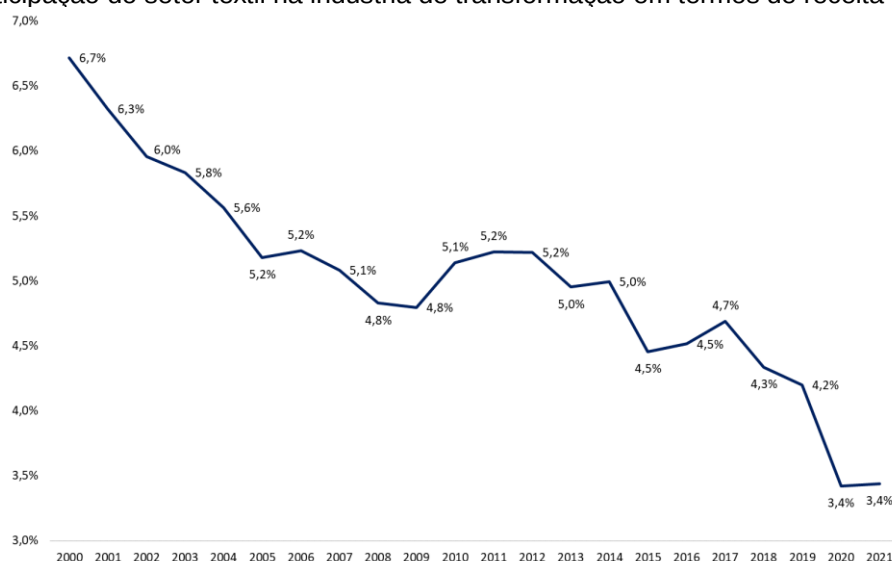
Quanto a participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de impostos, nota-se que esta série é a mais sensível à estímulos macroeconômicos. Entre 2014 e 2015, por exemplo, o Brasil enfrentou uma crise econômica e política e, nesse momento, a participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de impostos caiu mais de 2 pontos percentuais.



Quanto a participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de emprego, em 2013 havia sido alcançada a menor participação histórica já registrada desde o século XX, desde então, a série segue alcançando mínimas históricas, ou seja, nos últimos anos o setor têxtil participou menos na geração de emprego até mesmo em comparação com o período de hiperinflação no Brasil. Vale ressaltar que a queda mais acentuada da participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de emprego foi entre 2019 e 2020 de 1,2 pontos percentuais, o que pode ser atribuído aos efeitos da pandemia por COVID-19.

Não obstante, entre 2000 e 2021 também diminuiu a participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de geração de receita, a qual caiu de 6,7% em 2000 para 3,4% em 2021. Logo, a menor quantidade de emprego não pode ser justificada somente por avanços tecnológicos, o que sugere o definhamento do setor têxtil nos primeiros anos do século XXI. No gráfico a seguir (Gráfico 10) é possível visualizar a evolução da participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de receita entre 2000 e 2021.

Gráfico 10 - Participação do setor têxtil na indústria de transformação em termos de receita



FONTE: Elaborado com dados da PIA

Tal perspectiva reitera os dados levantados por Rangel, da Silva e Costa (2010), pois se espera o menor crescimento da participação do setor têxtil na indústria em termos de geração de receita com a especialização do Brasil nos elos de menor valor agregado da cadeia produtiva.

Por sua vez, a etapa de confecção perdeu 67% de competitividade no mercado internacional entre 1998 e 2005 (RANGEL, DA SILVA, COSTA, 2010). Ainda assim, a confecção de artigos de vestuário e acessórios é o elo da cadeia produtiva têxtil que mais emprega, de tal forma que em 2021 foi responsável por 40,9% dos empregos do setor, além

de também ter se posicionado como o 2º maior empregador da indústria de transformação, segundo dados disponibilizados pela PIA. Ou seja, o setor de confecções se posiciona como maior empregador da indústria têxtil mesmo diante da menor competitividade no mercado internacional.

Logo, conclui-se que o Brasil está perdendo competitividade nas exportações provenientes da etapa da cadeia de produção que mais emprega e absorve mão de obra menos qualificada. Em outras palavras, a indústria têxtil e especialmente o elo de confecção pode gerar ainda mais emprego e renda a população, além de maior arrecadação de impostos ao Estado.

Portanto, é evidente a importância econômica e social da indústria têxtil pela geração de renda, empregos e impostos e até absorção de mão de obra menos qualificado. Contudo, por mais que ainda seja expressiva a geração principalmente de empregos, nota-se que indústria têxtil brasileira não somente perdeu participação no mercado internacional, como também diminuiu no próprio mercado interno, seja pela carga tributária, maiores custos em se produzir no Brasil, gargalos na infraestrutura, práticas protecionistas, fortalecimento de relações de comércio interindustrial, desestruturação da cadeia produtiva, heranças do PSI, abrupta abertura econômica ou até pela combinação de todos esses fatores juntos.

4. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. C. C. de; NICOL, R. **Economia agrícola**: o setor primário e a evolução da economia brasileira. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

FUJITA, R. M. L.; JORENTE M. J. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. **ModaPalavra e-periódico**, Santa Catarina, vol. 8, n. 15, p. 153-174, Jan./Jul. 2015.

GAMBOA, U. M. R. de; MACIEL, V. F.; VENDRUSCOLO, B. D.; SILVA, H. Os efeitos potenciais do regime tributário competitivo para confecção (RTCC): uma aplicação de vetores autorregressivos (VAR). **Revista de Economia Mackenzie**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 146-164. Jan./Mar. 2020.

GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S de; TONETO JÚNIOR, R. **Economia Brasileira**. 8º ed. São Paulo: Atlas, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PIA**. 2023. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/industria/9042-pesquisa-industrial-anual.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 3 set. 2023.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional**. Tradução: Eliezer Martins Diniz. Revisão técnica: Rogério Mori, Paulo Gala. 8º ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **RAIS**. 2022. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id_1985/caged_rais_estabelecimento_basico_1985_tab.php>. Acesso em: 10 mar. 2023.



NICOL, R. C. O conceito de pré-requisitos para a industrialização. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 529-555. Out./Dez. 1997.

PEREIRA, T. F. L. S.; FERREIRA, M. O. Competitividade da indústria têxtil e de confecções brasileira, nordestina e pernambucana e a concorrência chinesa entre o período de 1997 a 2017. **Rev. Econ. NE**, Fortaleza, v. 51, n. 1, p. 109-125, jan./mar., 2020

PINHEIRO, A. S.; ABRANTES, L. A.; SOUZA, C. O de. Impactos da mudança do regime de tributação do pis e cofins para as empresas de capital aberto: ênfase no setor têxtil brasileiro. **XIV Congresso Brasileiro de Custos**, João Pessoa, Dez./Dez. 2007.

RANGEL, A. S.; DA SILVA, M. M.; COSTA, B. K. Competitividade da Indústria Têxtil Brasileira. **RAI - Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 151-174, jan./mar. 2010.

TOMÉ, L. M. Comércio Eletrônico. **Caderno Setorial ETENE**, Fortaleza, n. 205, Dez./Dez. 2021.

Contatos: fkethylin@gmail.com e pedro.raffy@gmail.com